

Masculinidades em questão: modelos, perspectivas e formas de violência

Octavio Páez Granados

Université de Genève
CECH – Universidade de Coimbra
• marcial.paezgranados@unige.ch
ORCID 0009-0008-5476-8820

Pedro Cerdeira

Université de Genève
Instituto de História Contemporânea (NOVA/FCSH)
• pedro.cerdeira@unige.ch
ORCID 0000-0002-8300-9603

DOI

<https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2023.e1481>

A partir das últimas décadas do século passado, os denominados Estudos Feministas e os Estudos LGBTBI+¹, para além de movimentos políticos e sociais, começaram a destacar-se como modelos de reflexão e análise. Estudiosas como Joan Scott e Judith Butler, entre muitas outras pessoas, teorizaram amplamente a noção de género, situando-a enquanto categoria analítica e inserindo-a no campo dos sistemas de significação, enfatizando a sua dimensão relacional no referente aos processos de construção das identidades e na organização social (Scott, 1989; Butler, 2027). Deste modo, argumenta-se que a identidade de género não depende de um essencialismo intrínseco; depende antes de uma história sociocultural e de formas complexas de poder e regulamentação. Em suma, a ideia básica subjacente no conceito “género”, evidencia que “ser homem ou ser mulher” é um produto social e histórico e não uma condição suposta e diretamente derivada da natureza.

¹ O conjunto de estudos sobre lésbicas, gays, bissexuais, pessoas transgénero, transexuais, intersexuais, etc. Atualmente também denominados "Estudos Queer."

Enquanto a reflexão feminista habilitou as condições sociocognitivas necessárias para abordar a condição feminina, analisando o papel das mulheres na organização social enquanto identidades sociais e históricas e não destinos naturais, forneceu as condições necessárias para re-pensar o conceito de masculinidade. É nesta conjuntura e, em grande parte, graças aos contributos teóricos do pensamento feminista, que surgem os Estudos das Masculinidades, centrados na observação das diferentes maneiras de ser e definir-se "homem", analisando as dinâmicas socioculturais e de poder referentes à inscrição genérica do masculino e a sua

reprodução, resistência e transformação; isto, nos humanos biologicamente machos e/ou (auto) definidos "homens", partindo dos seus corpos, identidades, subjetividades, práticas, relações ou produções.

Os homens situam-se, enquanto sujeitos inseridos num sistema sexo-genérico, num conjunto de ideologias e de relações androcêntricas que definem a nossa atual herança cultural. Assim, algumas questões de base que definem os Estudos das Masculinidades, seriam: Quando falamos de "os homens", que queremos dizer? Qual seria a condição ontológica "dos homens"? De que maneira conceptualizamos a nossa aproximação à noção de masculinidade? Quais são as considerações epistemológicas e teóricas para aproximar-nos à conceptualização da virilidade? Desta sorte, é fundamental tomar o conceito "homem" como objeto mesmo da análise para tratar de entender o modo como isto participa na construção do real. Ou seja, "ser homem" não seria uma essência nem um significante com significação transparente, seria uma forma de perceber um fenómeno, construir uma realidade e atribuir uma série de definições sociais inseridas numa rede de significações.

Existem diferentes perspetivas que abordam as formas específicas referentes aos homens e aos diversos tipos de masculinidade, existindo também uma hierarquia entre elas: uma de tipo hegemónico e outras de tipo subalterno. Ao falar de masculinidade hegemónica, faz-se referência ao resultado mediante o qual certos homens se reconhecem e respeitam entre eles, tratando-se de uma aliança implícita gerada por meio de uma expressão ritual e verbal frequentemente baseada no sexismo, na misoginia e na homofobia (Almeida, 1995). Este modelo de masculinidade produz assim uma hierarquia, no fundo da qual se encontram outras masculinidades e dinâmicas viris, desvalorizadas, consideradas inferiores e com pouco ou nenhum prestígio histórico e social. Salientando a diversidade de formas de "ser homem" e a existência de um modelo másculo hegemónico que permite modelos e dinâmicas viris subalternas, enfatiza-se a pertinência de analisar formas e exercícios intramasculinis de poder, assim como as manifestações de violência e as dinâmicas de desigualdade derivadas da interação entre os diferentes modelos que a masculinidade provoca.

Aqui, seria importante mencionar alguns dos aportes dados pelos Estudos LGBTBI+ no que diz respeito ao estudo das masculinidades. Enquanto o pensamento feminista possibilitou uma ampla e sólida reflexão em torno à noção de género, o pensamento LGBTBI+ tem-se debruçado na análise da dimensão sexual associada à questão genérica. Trata-se assim de uma

reflexão basilar que permitiu aos movimentos de libertação homossexual, da mesma sorte que os seus congéneres feministas, destacarem-se pelo seu carácter duplamente produtivo: como tradição reflexiva e como movimento social, cultural e político. Podemos então evocar autores como Jonathan Katz e Adrienne Rich que argumentam que a heterossexualidade é uma identidade social historicamente construída, entendida como uma instituição e não só como uma orientação sexo-afetiva (Katz, 1996; Rich, 1993). Diana Fuss e Monique Wittig, demonstram como a identidade sexo-genérica dominante depende da homofobia e das identidades não heterossexuais para definir os seus contornos e conteúdos, questionando a rígida distinção entre masculino/feminino e heterossexual/homossexual (Fuss, 1991; Wittig, 1993).

Estas diferentes linhas de pensamento que conformam os Estudos de Género, têm demonstrado os efeitos provocados pelas dinâmicas de género e o modelo sexo-afetivo imperante, sublinhando as formas de violência que o modelo de masculinidade hegemónico tem provocado, por exemplo, nas mulheres e nas masculinidades dissidentes. Não obstante, é importante observar que os efeitos do género sobre os homens costumam ser desatendidos, isto, em grande medida, devido à posição hegemónica que o sistema de género ocidental atribui aos homens. Assim, para os homens, o género é invisível da mesma forma que a raça é invisível para os brancos, uma vez que os privilégios outorgados àqueles que formam parte dos grupos hegemónicos não incentivam à revisão crítica da situação sociocultural na qual estão inseridos. Embora o género, a raça e a orientação sexo-afetiva sejam invisíveis para certo tipo de homens, isto não impede que tais homens sejam afetados pelo modelo de masculinidade hegemónica que acaba por degradar o seu quotidiano, problemáticas salientadas por estudiosos da masculinidade como Michael Kimmel, Victor Siedler e Óscar Guasch (Kimmel 1987; Siedler, 1994; Guasch, 2006).

Este dossiê contribui para a exploração dessas masculinidades diversas, como são as masculinidades *queer*, racializadas e até conventuais. O Estudo das Masculinidades insere-se então num debate de tipo transdisciplinar e pluritemático, estabelecido em diversos campos académicos de raiz principalmente anglo-saxónica. Encontra-se em processo de elaboração teórica, política, social e cultural, e trata-se de um campo de estudo relativamente recente nos espaços de língua portuguesa, sendo de destacar o trabalho de Miguel Vale de Almeida sobre a experiência da masculinidade numa aldeia portuguesa (Almeida, 1995) ou o estudo de Joacine Katar Moreira sobre masculinidades bissau-guineenses (Moreira,

2020). Considerando o anterior, este dossiê especial abre um espaço de diálogo e reflexão para diversos pesquisadores, provindos de várias disciplinas, e os seus contributos em torno do estudo das masculinidades no contexto sociocultural de língua portuguesa (em particular no Brasil e em Portugal), em diferentes momentos históricos. Ainda, este dossiê contribui para a exploração de masculinidades diversas, como são as masculinidades queer, racializadas e até conventuais. Podemos dividir estes contributos em dois grandes eixos: um que explora a produção artística e literária em torno das masculinidades; e um segundo que reúne estudos de caso da disciplina da história relativos a conflitos sobre o que significou "ser homem" para diferentes atores.

A primeira parte do dossiê abre assim com o aporte de André Masseno intitulado "Representações fora da lei: Hélio Oiticica e as imagens de Cara de Cavalo e Alcir Figueira", onde são analisadas algumas obras do artista visual brasileiro Hélio Oiticica que problematizam os efeitos nocivos das esferas jurídicas e morais brasileiras sobre masculinidades social e economicamente estigmatizadas. Masseno defende então que através do viés representacional, Oiticica dá visibilidade a sujeitos masculinos divergentes, problematizando assim as relações convencionais entre classe, raça e género.

Em "Homens fora do lugar: nação e masculinidade no romance *Bom Crioulo*", Marco Losavio trata uma emblemática obra de estética naturalista (do autor brasileiro Adolfo Caminha) que aborda a questão homossexual. Losavio propõe uma leitura alegórica do texto que revela o dilema de construir uma identidade nacional baseada numa população desqualificada pelas elites que, devido à sua raça e sexualidade, não satisfazem as expectativas do padrão hegemónico do lema nacional brasileiro da ordem e do progresso.

Matteo Gigante em "Sodoma é uma cidade capitalista: micropolítica dos guetos dos anos 70 na literatura pessoal do brasileiro Herbert Daniel", aborda a figura, a produção e o pensamento do autor brasileiro, Herbert Daniel. O autor examina tópicos da obra de Daniel que problematizam diversas questões referentes à condição homossexual, numa década importante no que diz respeito aos movimentos de contestação homossexual, cruzando-os com o percurso biográfico do autor.

A segunda metade do dossiê debruça-se então sobre as masculinidades ao longo da história. O artigo de Paula Mendes Almeida, "Masculinidades: modelos, gestos e práticas na vida monástica em Portugal (séculos

XVI-XVII)”, propõe uma análise de modelos de masculinidades convencionais portuguesas na Idade Moderna, a partir de textos que se inscrevem no filão da literatura de espiritualidade: “Vidas” devotas, compilações hagiográficas e crônicas monásticas. Assim, a partir desta documentação coeva, a autora mostra como homens cujo percurso os afastou do casamento, da reprodução e de outras atividades associadas à virilidade, desenvolveram formas particulares de masculinidade ou “masculinidades ascéticas”.

Tiago Fernandes Maranhão, num texto intitulado “Pela defesa da Pátria. masculinidade e militarismo no Brasil (1889-1939)”, analisa as preocupações das elites brasileiras com a robustez do corpo masculino militarizado nas primeiras décadas da República brasileira. O autor alude a uma “masculinidade idealizada” que estava ao serviço de um projeto de construção de uma identidade nacional coesa e de uma nação feita de corpos saudáveis e fisicamente preparados, o que estava em consonância com as teorias então dominantes na antropologia e na biologia. A associação entre homens (os cidadãos por excelência) e construção da nação fica aqui bastamente demonstrada e é interessante cruzar este projeto de masculinidade hegemónica com a desconstrução que o caso de estudo de Marco Losavio faz a partir de uma obra do mesmo período.

As masculinidades subalternas são enfim alvo de atenção em “‘Sádico’ e ‘necrófilo’: narrativas médico-legais nos ‘crimes do Preto Amaral’ (São Paulo, Brasil, 1926-1927)”, onde Paulo de Souza Campos analisa a forma como as ciências médicas e jurídicas sustentaram a criação de uma imagem dos homens negros no Brasil pós-abolição da escravatura, contribuindo para a sua relegação a um estatuto inferior, associado a uma sexualidade descontrolada, à criminalidade latente e à desordem social. O autor revisita o processo judicial dos crimes sexuais alegadamente cometidos por José Augusto do Amaral, um homem negro, na São Paulo dos anos 1920, mostrando como os homens produzem modelos e categorias de masculinidades hierarquizadas ao serviço de projetos de dominação.

Bibliografia

Almeida, M. V. (1995). *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

Butler, J. (2017). *Problemas de Género. Feminismos e subversão da identidade*. Lisboa: Orfeu Negro.

Fuss, D. (1991). *Inside/outside. Lesbian theories, gay theories*. Nova Iorque: Routledge.

Guasch, Ò. (2006). *Héroes, científicos, heterossexuales y gays. Los varones en perspectiva de género*. Barcelona: Bellaterra.

Katz, J. (1996). *Invenção da Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Kimmel, M. (ed) (1987): *Changing men. New directions in research on men and masculinity*. California: Sage.

Moreira, J. K. (2020). *Matchundadi: Género, Performance e Violência Política na Guiné-Bissau*. Lisboa: Teatro Praga/Sistema Solar.

Rich, A. (1993). "Compulsory heterosexuality and lesbian existence." In: *The lesbian and gay studies reader*. Nova Iorque: Routledge.

Scott, J. (1989). *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. Nova Iorque: Columbia University Press.

Seidler, V. (1994). *Unreasonable Men. Masculinity and Social Theory*. Nova Iorque: Routledge.

Wittig, M. (1993). "One is not born woman" in *The lesbian and gay studies reader*. Nova Iorque: Routledge.